

ROBÉRIO SOARES DE SOUZA

**CRESCIMENTO
NATURAL DA IGREJA**

“Assim, Deus chamou você para um trabalho único. Obedeça ao roteiro do Espírito Santo e, como disse Paulo a Timóteo, cumpra o seu ministério, que ele jamais será igualado.”

Timóteo R. De Oliveira

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	iv
1 OITO MARCAS DA QUALIDADE.....	05
2 EXCELÊNCIAS E DEBILIDADES.....	09
3 SEIS PRINCÍPOS DA NATUREZA.....	11
4 UM NOVO PARADIGMA.....	12
5 OS PRIMEIROS PASSOS EM DIREÇÃO DO CRESCIMENTO NATURAL.....	12
6 CONCLUSÃO.....	13
7 REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	14

INTRODUÇÃO

Pp 6-14

Neste manual começamos percebemos que alguns paradigmas que sempre tivemos, precisarão ser demovidos e demolidos. Coisas como entender que o homem deve fazer irretratavelmente a sua tarefa de cuidar da Igreja de Cristo e isso é radicalmente imposto, porém da mesma forma o homem deve se abster de querer dar o crescimento, pois essa é tarefa divina, e não cabe a criatura alguma jamais dar crescimento à própria criatura. O homem nunca poderá dar crescimento a outro homem, planta, ou qualquer outro organismo criado por Deus, no máximo conseguirá limpá-la, tirando os possíveis obstáculos ao seu desenvolvimento natural, porém nunca metabolizar por ela.

Jesus ordenou ao homem que mais que observasse os lírios do campo, percebesse minuciosamente como eles crescem, quem sabe para que o homem visse qual formoso é o crescimento que Ele dar, e ao homem apenas cabe observar. Por isso este autor opõe-se à técnicas mirabolantes e receitas, meritocráticas, e tecnocráticas, como também a espiritualização de todas as coisas, até do que é humano.

Afirma conclusivamente este autor que nenhuma igreja que cresce, mesmo que, maravilhosamente, pode ter uma teoria de crescimento de igreja, pois com ela simplesmente aconteceu que Deus executou a “Sua teoria”, e especialmente para aquela igreja, mão significando que a partir de então tudo o que foi feito naquela igreja, deva ser repetido, então se alcançará o mesmo efeito, longe disso!

OITO MARCAS DA QUALIDADE

Pp.15-17

Existe uma diferença entre princípios e modelos, embora pareçam se confundir estes conceitos o autor traz uma distinção bastante relevante. Princípios são valores universais que estão presentes em toda a Igreja de Cristo, independente da localização geográfica, ou qualquer outro fator, enquanto que modelo, é um molde arbitrário de valores convencionados e não divinos, que se deva seguir, é uma imitação dos procedimentos, quando princípios, se baseiam nos valores.

Pp.18-21

Este livro para ser escrito teve subsídio de uma pesquisa bastante extensa e exaustiva, exatamente para não cometer o mesmo erro cíclico sempre repetido nos estudos de crescimento de Igreja, mas para em todos eles, detectar, quais seriam legitimamente comuns. Sendo assim, fica comprovada, a pluralidade de modelos, e a singularidade de princípios, então, estes seriam os prováveis princípios que se devam realmente seguir. Ao invés de se estar vendendo receitas mirabolantes de uma igreja tentando se inserir em outra, deve-se captar quais os valores universais (divinos), que precisam sim estar presentes quando se almeja assistir uma igreja crescer.

Nada mais infantil que, imaginar, que toda a igreja que cresce é uma igreja sadia, certamente ficou claro a expressão do autor através de um gráfico. Existem quatro tipos de igrejas, (1) a que tem uma qualidade acima da média e uma frequência acima da média; (2) igrejas com qualidade acima da média e frequência abaixo da média; (3) Igrejas com qualidade baixa, e com frequência baixa; e (4) Igreja com qualidade baixa, porém, com frequência acima da média.

Pp.22-25

O estilo de liderança certamente um profundo e decisivo ponto no desempenho da igreja. Separaram-se as igrejas neste caso em três tipos: as igrejas direcionadas para (a) relacionamentos; (b) objetivos ; e (c) trabalho em parceria. Destas a de mais significância são as que preparam outros líderes e assim trabalham com mais crescimento sendo então trabalhado, tanto os objetivos, como os relacionamentos.

Depois da liderança, um dos fatores de maior relevância no desenvolvimento de uma igreja é, o don reconhecido e desenvolvido. Nas pesquisas de Shwarz, as igrejas crescem à medida que as pessoas que exercem ministérios exatamente compatíveis com seus dons, e afirmam se sentirem felizes exercendo-os. Não é apenas saber quem tem don disso ou aquilo, porém, foi detectado nas pesquisas que, os dons destas pessoas igualmente receberam incentivos e desenvolveram ao tempo que recebiam treinamento.

Pp.26-27

A terceira marca que Cristian Shwarz aplica como responsável por um crescimento natural da igreja é a espiritualidade e o entusiasmo pelo trabalho daquela comunidade, isso é realmente contagioso para os de fora. Muitos procuram entender e acabam por ser atraídos se alguém tem uma fé relevante a ponto de contagiar seus colegas e todos que lhe cercam.

Pp.28-29

A marca de ter líderes no máximo de atividades específicas possíveis, é a quarta marca de uma estrutura funcional e que por fim é esta característica de crescimento saudável e natural de qualquer ministério, crescer a partir do desenvolvimento de líderes que Deus faz surgir. Enquanto que o fator contrário a este, que é um tradicionalismo exacerbado. Este fenômeno traz em si características próprias de inércia e morbidez, não de doutrinas ou valores divinos, mas de formas arcaicas, que fazem com que os seus membros, busquem outras formas mais arejadas e empolgantes de servir a Deus.

Pp.30-31

A questão de contextualizar acima do devido causa em deformação, por isso o autor chama a atenção do desejo de se buscar agradar demasiadamente o visitante quando na verdade isso é um grande risco de distorção de valores e não tem muito haver com o crescimento natural da igreja. Em contraponto a isso vemos que um culto feito com inspiração, conseqüentemente vai dar a verdadeira impressão do que seja uma igreja, atraíndo certamente o visitante.

Pp.32-33

Certamente a coisa mais importante no crescimento de igrejas se assim podemos dizer, são os pequenos grupos. Estes tiram da igreja que cresce um dos maiores problemas possíveis,

que é a diminuição de contato horizontal, fazendo com que os relacionamentos sejam cada dia mais, superficiais. Então em pequenos grupos a vida elementar e necessária da igreja cristã, é fortemente desenvolvida, desenvolvendo contato profundo e comprometimento mutuo, fomentando uma troca de vida, o que é cristianismo.

Pp.34-35

A afirmação bastante contundente na sétima marca de qualidade é a que opõe-se a tão famosa afirmação de que cada crente tem o dom da evangelização. Realmente esta afirmação não traz uma forte base bíblica, mas sim na igreja Deus realmente separou alguns com este dom, o que é interessante que o pastor da igreja saiba exatamente quem são os que são assim chamados por Deus. O fato do conhecimento das pessoas com dom reconhecido na igreja e neste caso o dom evangelismo é fundamental a qualidade da igreja.

Pp.36-37

É comprovado que um dos fatores nítidos à uma igreja que cresce saudavelmente e tem qualidade de vida, são igrejas que têm um relacionamento horizontal muito forte no seu dia a dia, não se reduzindo a contato nos cultos, mas sim aqueles que sinceramente têm um relacionamento profundamente informal com entre os irmãos. Onde se desenvolve este tipo de relacionamento então se melhora a qualidade de vida de uma igreja, pois estes promovem o verdadeiro exercício do amor fraternal.

Pp.38-41

Segundo o autor estas marcas são realmente legítimas e verdadeiras, o êxito de uma igreja não está em atender algumas destas demandas, porém, suprir a todas elas sem exceção. O fato de alguém quiser retratar-se quanto a estes valores o autor menospreza-os totalmente.

Pp. 42-45

Muitas igrejas se debatem quanto de que forma devem avaliar o vetor de crescimento da sua igreja, e na grande maioria se detém no tangível vetor da quantidade de membros, o que o autor chama de crescimento numérico. Há muito tempo esta discussão não tem sido muito consensual. Pois, as distorções feitas aos vários alvos e suas considerações são confusas. Uns afirmam a qualidade, outros a quantidade, contudo afirmamos que certamente, desprezando os exageros e extremismos, a qualidade produz a quantidade, porém o contrário é improvável, e que determinar o alvo de uma igreja como um número de membros a ser

incorporado a igreja é inadequado. Setenta por cento das igrejas que crescem, trabalham sem um alvo definido e isso nada interfere na sua vida.

Pp.46-48

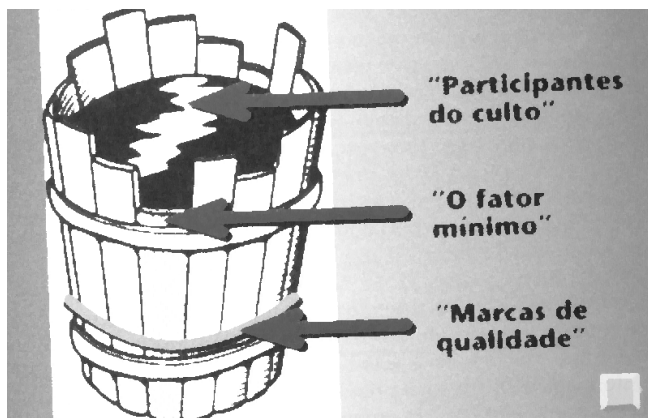
É-nos claro que, salvo as exceções, as igrejas que mais se desenvolvem são as de pequeno porte, isso não é uma informação aleatória, e sim, resultado de uma pesquisa, onde as igrejas que tinham a cinco anos atrás 51 membros hoje têm 83 aproximadamente, e igrejas com 330 membros na mesma data, hoje têm 355, isto dá uma prova de que, uma igreja pequena cresce 63 % ao passo que uma igreja média cresce 7%.

PARTE II

EXCELÊNCIAS E DEBILIDADES

O autor em seu livro chama isso de: fator mínimo ou máximo, na ilustração de um barril feito de tábuas ele correlaciona cada tábua com uma fatia das muitas atividades que perfazem a qualidade de uma igreja. Só que quando todas as tábuas estão amarradas formando um barril, uma destas tábuas está de tamanho menor, e quando este barril for cheio de água, será impossível enchê-lo acima da medida da tábua menor, pois ai transbordará.

Assim mesmo é o crescimento de uma igreja que é muito boa em muitos pontos (máximo), porém, se num só ponto ela for fraca (mínimo), sua qualidade será aferida, pelo fator mínimo.



Nesta situação tem-se ouvido que as igrejas se empolgam a concentrar suas forças, naquilo que a faz muito boa (máximo), contudo é infantil tal atitude, uma vez que deve-se pleitear a diminuição urgente do desequilíbrio, ao invés de esquecê-lo tentando compensá-lo agindo noutro ponto já forte.

PRECAUÇÕES COM MODELOS

Muitas facetas têm se manifestado como verdadeiras receitas miraculosas, no que diz respeito a crescimento de igrejas. O fato é comum, e nisto tem acontecido muitas frustrações, pois, o que acontece é que: alguns programas deram certo em alguns lugares, o que de forma nenhuma pode obter êxito em qualquer igreja.

O conselho do autor deste livro orienta que qualquer receita, ou modelo, deve ser aceito, porém devemos acender nossas luzes de alerta ao ouvirmos relatos de uma experiência isolada, pois não são sempre, princípios universais, e sim, muitas vezes, um medicamento específico, para uma fisiologia específica que aquela igreja tomou, não sendo de forma alguma, a partir de então, lúcido recomendar o mesmo medicamento para toda enfermidade que possa existir. O ponto de equilíbrio está em: tendo um relato interessante, devi examiná-lo a fim de buscar princípios universais, que estes sim funcionarão em qualquer igreja.

PARTE III

SEIS PRINCÍPIOS DA NATUREZA

Um modelo tecnocrático está para o crescimento natural da igreja como uma boneca de plástico está para uma criança. Esta comparação faz desnecessária mais explicações.

O homem em muitas vezes que interfere na natureza, surpreende com resultados catastróficos, e isso muitas vezes decorre de um inocente interferir na vida de um ser ou de um sistema. As coisas de Deus são perfeitas e harmônicas, embora Deus tenha outorgado poder de domínio sobre a natureza, o homem muitas vezes tem confundido este domínio com: “fazer dela o que bem entender”, então as consequências podem ser imensuráveis. Da mesma forma podemos compreender a Igreja, que sendo divina e tendo por base a vida e o amor de Deus, é vítima muitas vezes de tecnocracias, e teorias de resultados visíveis e numéricos, e muitas vezes o fim tem sido trágico.

O sistema de Deus para a igreja sempre foi de interdependência não havendo espaço para células independentes, o livro em análise correlaciona a tentativa de independência, com o crescimento do câncer, que embora trate-se de um crescimento, por ser totalmente ao organismo, ou mata-o, ou é destruído.

O crescimento dado por Deus tem uma finalidade e esta é senão, reprodução e multiplicação, esta se faz a partir não daquele que trabalha, mas o que trabalha apenas trata a semente que traz toda a carga possível e suficiente a vida.

A transformação de forças na natureza é feita pelo homem a partir do seu saber como pelos animais, Deus na sua soberania e poder também, sempre fez uso destas para o bem da sua obra, fatos como a perseguição da igreja primitiva ou a do surfista que faz uso da colossal força das ondas do mar para fazer manobras e se aproveitar divertidamente com pouquíssimo esforço físico se comparado ao trabalho executado. O autor, faz alusão do possível uso de novos convertidos ainda livres dos jargões e estereótipos dos crentes, para voltarem ao mundo e buscarem alguns que ficaram do seu convívio.

O trabalho de aproveitamento de energia, também pode ser aludido como uma só atitude de efeitos múltiplos, como exemplo: Jesus quando evangelizava, curava e ao mesmo tempo isso servia para testemunho dos que viam, eram estes de certa forma, também evangelizados, como os seus discípulos aprendiam o discipulado com o seu mestre.

A não observância da possibilidade de sobrecarga, por qualquer que seja a medida, assim como, uma tarefa a ser exercida por alguém que não tem aquele dom, pode comprometer a vida deste agente, como também o serviço delegado. Embora o frutificar é

algo implícito a qualquer ser com vida, ainda que seja o mais medíocre dos frutos, não servindo de forma alguma para a alimentação, contudo é aquilo o seu fruto para a reprodução.

A forma de proceder em muitas igrejas com os princípios do crescimento natural, na maioria das vezes traz oposições fortes. O fato é que os paradigmas da igreja hoje, estão muito diferentes, do que realmente Deus quer, o imediatismo não permite que esperemos pelo crescimento do Senhor, querendo-se a curto prazo, ver nossos cultos repletos. Precisamos pensar no crescimento natural que Deus propõe a sua Igreja.

IV PARTE

UM NOVO PARADIGMA

Uma nova forma de pensar é o que deve acontecer com Igreja, o crescimento natural acontece como um caminha com duas pernas, a produção e o estímulo ao próximo passo, este ciclo contínuo é que caracteriza uma caminhada.

O que mais é difícil de compreender numa mudança de paradigma, é que no caso de crescimento natural de igreja, também são demovidos não princípios teológicos, porém como a teologia é aplicada nba vida da Igreja e isso traz uma rebordosa defesa de não aceitação de mudança.

V PARTE

OS PRIMEIROS PASSOS EM DIREÇÃO DO CRESCIMENTO NATURAL

1. Fortalecer a motivação espiritual
2. Descobrir os fatores mínimos
3. Colocar objetivos qualitativos
4. Identificar os empecilhos
5. Por em prática os princípios da natureza
6. Aproveitar os pontos fortes
7. Implantar material baseado na natureza
8. Acompanhar o progresso
9. Concentrar-se em novos fatores mínimos
10. Reproduzir a vida

CONCLUSÃO

Querer a ação da natureza de Deus, é também não poder ignorar os princípios de Deus, ou seja a obsessão e a vontade de executar, não pode de maneira alguma sobrepor a dependência divina, em seu processo natural de agir segundo lhe apraz.

Compreenda-se os princípios e a vontade de Deus para a sua igreja, submeta-se a eles, então icem-se as velas e deixe o vento de Deus soprar.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.

SHWARZ, Cristian A., O Desenvolvimento Natural da Igreja, Editora Evangélica Brasileira, Curitiba, 1996.